

# A CONTRIBUIÇÃO DE MANOEL BOMFIM PARA SE COMPREENDER AS DESIGUALDADES E A POBREZA NA AMÉRICA LATINA

TIPO DE PRODUÇÃO QUE DEU ORIGEM AO TRABALHO:

Debate o discusión em teoria social

NUMERO E NOME DO GT: 17

Pensamento latino-americano e teoria social

Gilcélia Batista de Góis  
Professora/DESSO/UERN

Marta Maria Souza Matos  
Pesquisadora/EMPARN

## RESUMO

o artigo ora apresentado discute a importância das obras de Manoel Bomfim, especialmente **A América Latina: os males de origens**, na qual se propõe e realiza uma análise crítica dos principais problemas socioeconômicos, políticos e culturais que afetam a América Latina. Para tanto, o autor citado utiliza algumas categorias de análise comumente utilizadas na Biologia e na Medicina para tratar das desigualdades sociais, da pobreza e da exploração vivenciada pelos sujeitos da América Latina. É importante destacar: parasitismo social, darwinismo social e outras. Neste sentido, foi utilizado como recurso metodológico para elaboração deste texto pesquisa bibliográfica, informações e anotações dos debates em sala de aula na disciplina Interpretações do Brasil, ministrada pelos professores Dr. Homero de Oliveira Costa e Dr. Marcos Silva (USP), durante o semestre 2009.2 do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Entendemos que a finalidade é expor a atualidade da obra de Manoel Bomfim e sua contribuição para se compreender toda e qualquer forma de exploração vivenciada pelos latino-americanos. Manoel Bomfim não foi um estudioso que se ateve ao denunciamento, mas, no decorrer de sua obra fica evidenciada a sua relevância como uma, dentre outras alternativas, para superar esta realidade. Ele cita e enfatiza a importância da educação. Sendo assim, entendemos que Manoel Bomfim foi um pesquisador à frente de seu tempo, porque não dizer um visionário.

**Palavras-chave:** América Latina – desigualdades sociais – parasitismo e darwinismo social.

## 1 INTRODUÇÃO

Manoel Bomfim em sua obra **A América Latina: os males de origens** ficou parcialmente conhecido no meio intelectual como um rebelde esquecido. Isto ocorreu por várias razões, mas principalmente por este, na obra citada, ao relatar os principais fatos e razões para o nosso atraso comparando com outros países. O mesmo se utiliza de terminologia da biologia e de outros ramos do conhecimento para explicar fenômenos sociais existentes no cenário brasileiro ou prioritariamente na América Latina. Acreditamos que um dos pontos relevantes da obra de Bomfim é a centralidade na educação, ou seja, o mesmo percebe nesta, uma alternativa possível para sairmos do atraso em todas as dimensões. Esse rebelde foi de fundamental importância para conhecermos o que fato influencia o

subdesenvolvimento e suas inflexões no cotidiano. Sendo assim, os Males da América Latina é sem dúvida uma obra ímpar escrita nestes últimos decênios e pode ser lido por qualquer pessoa, de qualquer área do conhecimento.

## 2 A CONTEMPORANEIDADE DE MANOEL BOMFIM

A transição do Século XX para o Século XXI trouxe um conjunto de redefinições para toda a sociedade. Destacam-se, nesse aspecto, as mudanças, socioeconômicas, políticas e culturais e suas inflexões na vida dos sujeitos. Particularmente a América Latina não se esquivou destas mudanças, ao contrário de outras regiões, lugares e espaços, obteve redefinições, implicando assim, no aprofundamento da pobreza, miséria e vulnerabilidade social, vivenciada por parcela majoritária da população. Para alguns estudiosos, estamos vivendo momentos de incertezas CHESNAIS (2005), (CASTELLS, 2000), nada de previsibilidade. Entretanto, algo ainda é marcante, que nas palavras de Manoel Bomfim (1993) denomina-se de “parasitismo social”, “darwinismo social”. Se estivéssemos tratando dos tempos atuais, poderíamos falar de exploradores e explorados, desigualdades sociais, exclusão social dentre outras categorias utilizadas por autores diversos. Estas observações aparecem na obra de Mézaros quando afirma:

O capitalismo contemporâneo operou, portanto, o aprofundamento da separação entre, de um lado, a produção voltada genuinamente para o atendimento das necessidades e, de outro, as necessidades de sua auto-reprodução. E, quanto mais aumentam a competitividade e a concorrência intercapitais, mas nefastas são suas conseqüências, das quais duas são particularmente graves: a destruição e/ou precarização, sem paralelos em toda a era moderna, da força humana que trabalha e a degradação crescente do meio ambiente, na relação metabólica entre homem, tecnologia e natureza, conduzida pela lógica societal subordinada aos parâmetros do capital e do sistema produtor de mercadorias (MÉSZAROS, 2006, p.18).

No entanto, antes de adentrarmos na contemporaneidade da obra do autor em pauta, é importante evidenciar quem de fato foi o autor já citado.

Manoel Bomfim, sergipano, teve uma formação intelectual bastante singular, pois estudou direito, psicologia e pedagogia. Estas formações contribuíram, para compreensão, na perspectiva de não ter uma única alternativa para mitigar o que denomina "os males da América Latina". Sendo assim, o autor, eivado de um nacionalismo optou por compreender acima de tudo porque nós latino americanos, brasileiros, vivenciamos tantas desigualdades e explorações. Na sua concepção, essa realidade vivenciada era denominada de "parasitismo social", onde uma determinada sociedade "dita a mais desenvolvida, se apropria dos demais, neste caso, os países em desenvolvimento para tornar-se cada vez mais potente, fortalecido economicamente. E, ao mesmo tempo, mostrar para todo o mundo que os países em desenvolvimento são frágeis porque as pessoas que ali vivem são frágeis, preguiçosas, não têm uma tradição de intelectualidade". (Bonfim, 1993).

Nesta perspectiva, Manoel Bomfim (1993) mostra-se de certa forma, contemporâneo, pois na atualidade, assistimos cotidianamente determinadas civilizações se apropriarem das demais para tornarem-se fortalecidas. Vale destacar a ênfase dada por Manoel Bomfim à educação. Para este, a educação<sup>4</sup> é fundamental para qualquer sociedade sair do ostracismo social, econômico, político e cultural.

---

<sup>4</sup> A educação que ora estamos tratando é aquela adotada por Paulo Freire (2001)

Partindo destas assertivas, nos dedicaremos nos itens a seguir às explicações dadas pelo pesquisador já mencionado às desigualdades sociais e às teorias sociológicas abordadas pelo visionário Manoel Bomfim.

De fato, com os males de origens, Manoel Bomfim, tenta explicar, utilizando uma linguagem biomédica e biológica: o que somos? Como somos? E por que somos assim? Evidenciando algumas possibilidades de mudanças de cenário de ser uma nação parasitada, vítima, excluída, para uma nova sociabilidade. Esta alternativa fica evidenciada nas palavras de Bomfim, quando afirma "Sofremos, neste momento, uma inferioridade" [...] relativamente aos outros povos cultos. É a ignorância, é falta de preparo e de educação para o progresso. Eis a inferioridade efetiva; mas ela é curável, facilmente curável. O remédio está indicado: a necessidade imprescindível de atender-se a instrução popular (Bomfim, 1932). Observa-se, neste caso, que uma dentre outras perspectivas para sairmos deste patamar de inferioridade seria a educação.

Outro destaque que aparece nas obras de Bomfim, diz respeito à tese do parasitismo social, na qual o mesmo enfatiza que a dominação externa combinada com as imposições das classes dominantes internas, aprofundava cada vez mais os abismos sociais. Segundo Bomfim *apud* Piori (2005), o parasitismo impunha três grandes efeitos maléficos à nossa sociedade: o enfraquecimento do parasitado (dos países, sociedade em desenvolvimento), a violência que se exerceu sobre eles (todos os tipos de violência) e a adaptação do parasitismo "As condições de vida que lhe são impostas" (mesmo que involuntárias) (2005).

Nessa direção, é perceptível a lógica da predominância de uma raça sobre a outra, seja, "existem sociedades superiores e por esta razão, existem raças inferiores"<sup>5</sup>. A partir destas considerações, o autor dá início à construção de uma tese que foi "Os males da América Latina e do Brasil só seriam superados com a educação", rompendo dessa maneira com toda e qualquer forma de opressão.

### **3 A ORIGEM DAS DESIGUALDADES LATINO-AMERICANAS ESTÁ NA EUROPA**

Bomfim (1993) nos aponta que devemos ir além do modelo do regime colonial aplicado ao Brasil e às demais colônias sul-americanas pelos países ibéricos, Espanha e Portugal, para se entender, compreender e analisar a origem das mazelas políticas, econômicas, morais, sociais e intelectuais existentes no Brasil com a chegada dos portugueses.

Ele refaz o caminho até a forma como foram constituídas essas nações, não separando a história da Espanha da de Portugal, que no seu entender são bem próximas na sua essência. Mostra que o fato de terem sido invadidas sucessivamente, durante séculos, pelos mais diferentes povos, teve seu efeito refletido sobre o caráter dessas nações.

Bomfim (1993) pergunta qual o efeito destes onze séculos de guerra constante e generalizada sobre o caráter das nacionalidades ibéricas? De que forma esse passado vem influir sobre o futuro? Ele mesmo nos dá a resposta ao afirmar que dessa época tem-se duas consequências, a educação guerreira e o regime de viver de saques e rapinas.

Percebe-se que numa nação que vive em guerra constante, o povo se torna, por necessidade de sobrevivência, guerreiro. Gerações e gerações se formaram de guerreiros, pais e filhos frutos da guerra, com o objetivo somente de ir guerrear, numa nação que vivia em guerra eterna.

A outra consequência lógica dessa sequência de guerras, que é o regime de viver de saques e rapina, não poderia ser diferente, pois é a forma pela qual essas nações conseguem sobreviver, por meio do produto dos saques feitos. Não poderiam ser nações produtoras, não se projetaram na Europa como países que buscaram o progresso na ciência e na tecnologia.

---

<sup>5</sup> Utilizamos esta nomenclatura para materializar a discussão, de fato, discordamos da perspectiva de inferioridade das raças.

Ao “emergir” desse tempo de guerras e tornar-se enfim países organizados, vitoriosos, livres desse período de conflitos constantes, descobriram que não sabiam (ou não queriam) fazer outra coisa que não fosse *conquistar o mundo*.

Acompanhando o pensamento de Bomfim (1993), essas nações não poderiam seguir outro caminho que não fosse seguir guerreando. Agora, por serem nações vitoriosas, buscam povos para guerrear, saquear e para continuar vivendo da forma como tinham aprendido nos últimos séculos.

Possuem uma verdadeira aversão ao trabalho normal e produtivo. Era considerado uma vergonha ser produtor. O importante era tão somente se tornarem saqueadores universais. Portugal reflete bem esse ideal de saque universal ao seguir para Índia, África e Brasil. Encontrara o caminho para a guerra e o saque.

No entanto, mesmo aceitando esse viés de nações que buscam saquear o mundo em decorrência de terem um passado de guerras contínuas, ressalta-se o fato de que foram de uma violência sem limites nessa conquista de novos povos. Bomfim (1993) mostra esse papel de forte violência ao dizer que mataram, trucidaram, exterminaram, destruíram, incendiaram, arrasaram tudo que havia.

E após esse saque primeiro, vieram os outros saques. Os índios foram considerados pessoas selvagens, sem nenhuma serventia, por se negarem a tornar-se escravos do português. E esse português encontra na África o povo ideal para escravizar.

Foi desta mesma forma, que foi se organizando o Brasil: pela busca de Portugal por novas riquezas e conquistas, pela independência dos índios, pelos colonos que vinham povoar o Brasil, mas que considera o trabalho manual produtivo degradante e pela docilidade dos negros que se deixam escravizar e tornam-se assim a mão de obra ideal para conduzir a produção no Brasil.

Essa *maldade* intrínseca dos povos da península ibérica, mais precisamente, no caso em questão, dos portugueses, fez e faz do Brasil desde o primeiro momento da sua descoberta uma terra que praticamente não tenha nenhuma chance de progredir, ou melhor, de conhecer o progresso.

O Brasil reunia, desde o período colonial, as condições necessárias para alavancar o progresso, buscar caminhos para seu desenvolvimento, mas isso aqui não ocorreu.

Segundo Manoel Bomfim, instalou-se nas colônias latino-americanas, o mesmo processo que foi imposto à Espanha e Portugal, um caso típico de parasitismo social, com suas duas ordens de efeitos: efeitos gerais e efeitos especiais. Bomfim descreve os efeitos gerais da seguinte forma:

Tais efeitos – gerais – compreendem três ordens de manifestações: o enfraquecimento do parasitado; as violências que se exercem sobre ele, para que preste uns tantos serviços ao parasita – além do encargo capital de nutri-lo; finalmente, a adaptação do parasitado às condições de vida que lhe são impostas. Estas são as condições que acompanham todo regime parasitário – orgânico ou social. (BOMFIM, 1993; p.122)

Essa analogia, de parasitismo, vinda da biologia, estabelece um quadro nítido do que ocorreu aqui no Brasil. Os portugueses por considerarem humilhante o trabalho, tornaram-se parasitas em busca de parasitados. Por esse viés, o povo brasileiro nasce parasitado, devido a esse regime imposto por outro povo que sabia tão somente ser parasita.

Para Bomfim (1905), o efeito primordial desse parasitismo social é o efeito econômico, que se reflete nos demais aspectos e dimensões, que é o político, o social e o moral. Diz ainda que os efeitos econômicos provocaram os outros vícios, defeitos, anomalias e perversões que sofrerão as futuras nacionalidades, tanto na vida política quanto na evolução moral e social.

Desde o início, que se tem o esvaziamento das nossas riquezas, ao serem extraídas e levadas para a metrópole. Não se iniciou a colonização no Brasil com projetos para indústrias, relações comerciais com outros povos, valorização do mercado consumidor interno (se tínhamos tão somente escravos) e da educação. O objetivo sempre foi tão somente “sugar” as riquezas já existentes.

Um sistema que tem na escravidão sua mão de obra reflete uma perversidade sem limites, mas para os portugueses era o modelo ideal. Para o Brasil, um país em formação, acarreta consequências que o acompanham até hoje.

Para assegurar esse modelo parasitário em que o efeito econômico se reflete sobre os demais é que tudo aqui foi construído, para que esse regime se fortalecesse. O aparelho político-administrativo, o Estado em si, foi concebido tão somente para legitimar o regime, impondo, cobrando e coagindo a população. O Estado Brasileiro nasceu sem nenhuma preocupação com a sociedade, digam-se aqueles mais vulneráveis economicamente, mas simplesmente para manter privilégios de uma classe sobre outra. As instituições sociais brasileiras, por sua vez, nasceram apenas para reproduzirem os vícios e as mazelas das já existentes em Portugal.

Seguindo essa linha de raciocínio, é por isso que nos dias atuais ainda é tão difícil aceitar que o Estado se preocupe com a população em geral. Os privilégios devem ser sempre para os que detêm o poder econômico. Mas como isso está na nossa origem, é considerado natural tal procedimento. Ainda hoje somos parasitados?

Dessa forma, o que esperar de um povo, nascido sob um signo tão perverso? Houve revoltas, lutas, ódios, mas o regime parasitário era tão fortemente estabelecido que não houve mudanças significativas. Acabou-se por fim por aceitar a condição de parasitado.

Como já foi citado, além dos efeitos gerais mostrados e comentados até agora, existem no parasitismo social, os efeitos especiais. Para Bomfim, são três as categorias dos efeitos especiais do parasitismo ibérico sobre os países sul-americanos, a saber: herança, educação e reação.

Esses efeitos se traduzem na formação do caráter nacional, no conservadorismo inato existente no Brasil e na reação que se tem do papel do Estado. E a educação que deveria ter um papel fundamental na transformação do povo, nada pode avançar por sua ligação parasitária.

Reconhecer no século XXI que toda problemática social existente hoje no Brasil tem origem na sua formação, não é nenhuma descoberta essencial. Mas quando se fala sobre o Brasil, à luz do pensamento de Manoel Bomfim, um pensador social do início do século XX, é que faz dele um inovador. O seu pensamento completamente contrário ao que se pensava na época, que mesmo ao mostrar em linguagem da biologia, a origem e as consequências do parasitismo social para o Brasil, num momento em que prevalecia no país o pensamento que o atraso era resultante das raças consideradas inferiores é fundamental para se ter um novo olhar sobre o País.

#### **4 O pensamento de Manoel Bomfim frente às teorias raciais**

Dando continuidade à discussão de inferioridade latino-americana, Bomfim realiza uma rica discussão sobre a questão das teorias raciais. Assim, nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, predominava no nascente pensamento social brasileiro as chamadas teorias raciais ou raciológicas. As interpretações elucidativas do Brasil que se evidenciaram nesse período como discurso dominante fundamentavam-se na noção de hierarquia racial para explicar aspectos da sociedade brasileira. Tais interpretações, que galgaram o status de ciência, se caracterizavam por tratar de forma racista e preconceituosa a presença do negro no Brasil, atribuindo a este de forma depreciativa, o caráter de entrave ao desenvolvimento do país.

Autores como Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha elaboraram suas interpretações acerca da realidade brasileira tomando como pano de fundo a questão racial para tensionar elementos da construção de uma identidade nacional. Sendo percebidos como precursores<sup>6</sup> das Ciências Sociais no Brasil, os discursos produzidos pelos citados autores se legitimaram como

---

<sup>6</sup> De acordo com Renato Ortiz, “os teóricos Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha são tidos como precursores das Ciências Sociais no Brasil, pois se dedicaram ao estudo concreto da sociedade brasileira” (ORTIZ, 2006, p. 14)

teoria científica, refletindo-se conseqüentemente como pensamento dominante e hegemônico no que se refere ao entendimento do Brasil naquele momento em particular.

Norteados pelas categorias de meio e raça, a elite intelectual brasileira vai procurar explicar o Brasil a partir dessas respectivas categorias. Como afirma Renato Ortiz: “a interpretação de toda história brasileira escrita no período adquire sentido quando relacionada a esses dois conceitos-chaves... Na realidade, meio e raça se constituíam em categorias do conhecimento que definiam o quadro interpretativo da realidade brasileira” (ORTIZ, 2006, p. 15- 16).

Influenciados em alguma medida pelas teorias que vigoravam na Europa na segunda metade do século XIX, em especial o positivismo de Comte, o evolucionismo e o chamado darwinismo social, mas guardando tais influências certas peculiaridades<sup>7</sup> em se tratando do Brasil, o pensamento social brasileiro vislumbra nessas teorias a possibilidade de creditar e legitimar ao seu discurso o caráter de cientificidade.

Desta forma, as teorias racistas eclodiam como forma de explicação do atraso da sociedade brasileira, Tanto os índios como os negros eram tidos como “empecilhos ao processo civilizatório”. O Brasil era interpretado dentro dessa lógica por um determinismo climático e racial que seria de acordo com as teorias raciológicas, elementos caracterizadores e definidores do atraso brasileiro. A situação política e social do país era concebida como fruto e reflexo de sua população e do seu clima. A degeneração da nossa sociedade nessa perspectiva era inevitável na medida em que as interpretações do Brasil eram definidas pelos aspectos do meio e da raça de acordo com as teorias raciológicas.

Como já foi citado, contrariando esse discurso que prevalecia como dominante na sociedade brasileira (em especial na sua intelectualidade) e colocando-se praticamente como uma voz dissonante, Manoel Bomfim busca uma interpretação do Brasil que se evidencia de forma distinta das teorias raciais vigentes naquela época. No livro intitulado *América Latina: Males de Origem*, publicado em 1905, o autor demarca um novo olhar para se tentar compreender o Brasil, e de certa forma inaugura no pensamento social brasileiro uma originalidade em se tratando de uma análise acerca da nossa sociedade.

Manoel Bomfim (1905) retoma alguns aspectos da questão nacional por uma perspectiva diferente da dos autores de sua época. A começar pelo modo como ele pensa o Brasil, ou seja, o país inserido num contexto mais amplo, no caso a América Latina. O atraso dos países latino-americanos e conseqüentemente do Brasil, foram explicados por Manoel Bomfim numa relação de dependência destes em relação aos países do continente europeu, numa relação de dominantes e dominados. A partir da relação colonizadora (Espanha e Portugal) e colonizada (América Latina), o autor se reporta como afirma Roberto Ventura: “a exploração das colônias pelas metrópoles e dos escravos e dos trabalhadores pelos senhores e proprietários, recorrendo a uma noção tirada da biologia: o parasitismo” para explicar os males de origem do nosso continente (VENTURA, 2002, p. 239).

Assim, o atraso brasileiro e da América Latina foi percebido a partir da abordagem de Bomfim por meio do processo de exploração colonial e não por determinismos de clima ou raça. Além de trazer um enfoque inovador dentro do que se vinha fazendo até então nas Ciências Sociais no Brasil, Bomfim, critica as teorias racistas e demais aspectos de dominação da época se contrapondo de maneira contundente ao discurso que legitimava a desigualdade entre as raças e toda e qualquer forma de exploração.

Enquanto a elite intelectual brasileira procurava construir uma identidade nacional pelo viés de um racismo científico, em que certos aspectos da sociedade brasileira eram explicados por estas, o sergipano Manoel Bomfim aparece como solitário na tentativa de combater tais teorias, trazendo questões novas para interpretação do Brasil. Solitário, principalmente pelo fato de explicar a

---

<sup>7</sup> Enquanto no Brasil as teorias raciológicas atingiam o seu ápice como modelo interpretativo do Brasil, na Europa tais teorias já se encontravam em declínio acentuado.

exploração vivenciada pelos latino-americanos, principalmente pela noção de inferioridade, exploração, submissão e humilhação.

A voz e as palavras do autor não tiveram grandes repercussões na época, tendo em vista principalmente o fato de suas proposições irem de encontro ao que predominava naquele momento no pensamento social brasileiro. No entanto, suas idéias e pensamentos merecem ser lembradas dentre aqueles que se propuseram e se propõem a uma compreensão do nosso país.

## 5 Considerações Finais

Ao fazermos a leitura da(s) obra(s) de Manoel Bomfim, mesmo que de forma rápida, é pertinente afirmar e reiterar algumas assertivas, como: este pesquisador foi um homem à frente do seu tempo, um visionário, que evidenciou aquilo que ainda estamos vivenciando na atualidade, ou seja, mesmo relativizando, somos uma nação (América Latina) que serve e é subjugada pelos países ditos desenvolvidos.

Soma-se a este aspecto, a importância atribuída ao papel da educação/instrução na perspectiva de mudanças para uma nova "Sociabilidade" (*grifos nossos*). Por entender que homem (mulher educada)/ pessoas instruídas têm menores possibilidades de serem parasitadas.

Mesmo utilizando palavras ou semântica, linguagem de outras áreas do conhecimento, Bomfim deixa claro aquilo que pretende explicar "Somos uma nação completamente explorada" (*grifos nossos*).

Neste sentido vai além de outros autores/estudiosos, evidenciando a relevância da educação, clama por luta, por justiça, terminando sua obra, precisamente convidando toda sociedade parasitada ir à luta.

É talvez este o grande elemento potencializador de Manoel Bomfim, seja, evidenciar caminhos possíveis de serem trilhados por todos nós, não esquecendo de contextualizar o lugar onde estamos inseridos.

Neste sentido Bomfim (1905) aponta **enfaticamente** a importância da instrução, não somente para servir e explorar, mas, para contribuir com a perspectiva de uma nação mais democrática, com liberdade. No entanto, a educação<sup>8</sup> não deveria ser um fim em si mesma, era preciso lutar. Este modo termina uma de suas obras, convidando a sociedade a ter ações efetivas *não esperemos que uma corrente fatal nos leve ao progresso* [...]. Busquemos a ciência e os seus recursos infalíveis... utopia, eis aqui a palavra chave.

## Referências Bibliográficas

BOMFIM, Manoel. **A América Latina: males de origem**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993 (1ª Ed. 1905).

BOMFIM, Luis Paulino. **Pequena biografia de Manoel Bomfim**. In: Bomfim, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

CANDEROLO, VANESSA M. Domingos & PRIORI, Ângelo. **A utopia de Manoel Bomfim**. In: *Revista Espaço Acadêmico*, nº 96, maio de 2009. <http://www.espacoacademico.com.br>. Acesso em 20 agosto 2009.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHESNAIS, F. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: CHESNAIS, F. (org.) **Finança Mundializada**. São Paulo: Boitempo, 2005.

---

<sup>8</sup> Considera que esse apelo enfático de Bomfim pela educação seja pelo fato de ter-se graduado em Pedagogia e a partir de então começar também a pesquisar a educação no cenário mundial e estabelecendo a relação com o Brasil. Tal comparação evidencia a precariedade da Educação Brasileira e deste modo, apela, por uma educação libertadora.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2001. 24ª Edição.

MÉSZAROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Ed. Bomtempo, 2006.

MOTA, Lourenço Dantas (Org.) **Introdução ao Brasil: Um banquete no trópico**. 2 ed. São Paulo. Editora SENAC São Paulo, 2002.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo. Brasiliense, 2006.

VENTURA, Roberto. Manuel Bomfim: A América Latina: males de origem. Em: Lourenço Dantas Mota (org.). **Introdução ao Brasil: Um banquete no trópico**. 2 ed. São Paulo. Editora SENAC São Paulo, 2002. p. 237-258.